



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
ESPECIALIZAÇÃO EM PERMACULTURA

Denise Silvestrin

Horta urbana como recurso terapêutico

Florianópolis
2024
Denise Silvestrin

Horta urbana como recurso terapêutico

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Especialização em Permacultura do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Permacultura.

Orientadora: Professora Dra. Soraya Nór
Co orientadora: Professora Dra. Maira Longhinotti Felipe

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Silvestrin, Denise
Horta urbana como recurso terapêutico / Denise
Silvestrin ; orientadora, Soraya Nór, coorientadora, Maira
Longhinotti Felipe, 2024.
52 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro Tecnológico, Curso de Especialização
em Permacultura, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Permacultura. 2. Psicologia Ambiental. 3. Saúde
Planetária. 4. Hortas Urbanas. I. Nór, Soraya. II. Felipe,
Maira Longhinotti. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Especialização em Permacultura. IV. Título.

Denise Silvestrin

Horta urbana como recurso terapêutico

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Permacultura.

Florianópolis, 21 de junho de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Professora Dra. Soraya Nór
Orientador

Professora Dra. Maíra Longhinotti Felipe
Co orientadora

Professor MSc Lucas Sabino Dias
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Elizabeth Maria Campanella de Siervi
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

*À vovó Gema,
primeira permacultura que conheci.*

*À Júlia e ao Carlos, meus sobrinhos, para quem sonho um mundo mais
saudável.*

*Às amigadas que me ajudam pensar em formas de adiar o fim do mundo.
Em especial, Luiz, Bianca e Henrique.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas orientadoras, Professora Soraya Nórr e Professora Maíra Longhinotti Felipe, pelo incentivo, compreensão, respeito e partilha do conhecimento. A todas as pessoas que estão dedicadas a pensar e construir alternativas de mundo que sejam sistemicamente respeitáveis e regenerativas. Ao colega e amigo Gil, pelas trocas e pela leitura e revisão deste trabalho. Às amigas e bons encontros que foram possíveis de acontecer no decorrer da especialização.

“Não é desprovido de charme este mundo terrível,
nem de manhãs
pelas quais vale a pena acordar”.

Szyborska, 2020, p.189

RESUMO

Diante do cenário da crise climática é urgente uma mudança na forma de relação e tratamento que as pessoas têm com a Terra. Experiências novas que incentivem o cuidado ambiental podem contribuir para a alteração deste paradigma e produzir regeneração. Essa pesquisa de caráter qualitativo e exploratório buscou descrever um exemplo de ação possível. Foi realizada com um grupo terapêutico vinculado a uma horta comunitária instalada no Centro de Saúde do Itacorubi, em Florianópolis. Buscou-se conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem no espaço da horta; descrever possíveis relações com a Permacultura e a Psicologia Ambiental; compreender seu papel na atuação e na formação de profissionais de saúde, bem como identificar potencialidade do projeto para propor ações futuras. As atividades identificadas foram ações de educação ambiental, manejo do solo, o acolhimento interpessoal e os jogos teatrais.

Palavras-chave: hortas urbanas; permacultura; psicologia ambiental; saúde planetária.

ABSTRACT

Faced with the climate crisis, there is an urgent need to change the way people relate to and treat the Earth. New experiences that encourage care for the environment can help change this paradigm and promote regeneration. This qualitative, exploratory study sought to describe an example of possible action. It was carried out with a therapeutic group connected to a community garden set up at the Itacorubi Health Center in Florianópolis. The aim was to get to know the forms of sociability and the activities that take place in the garden space; to describe possible relationships with Permaculture and Environmental Psychology; to understand its role in the work and training of health professionals, as well as to identify the project's potential in order to propose future actions. The activities identified were environmental education, soil management, interpersonal hospitality and theater games.

Keywords: urban gardens; permaculture; environmental psychology; planetary health.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01: Serviços ecossistêmicos..... | 17 |
| Figura 02: Flor da Permacultura..... | 27 |
| Figura 03: Bacia Hidrográfica do Itacorubi..... | 32 |
| Figura 04: Contraste da área de preservação do rio e trecho canalizado..... | 33 |
| Figura 05: Estado de conservação da área verde do manancial..... | 34 |
| Figura 06: Fotografia da horta..... | 35 |
| Figura 07: Organização da roda de conversa..... | 37 |
| Figura 08: Éticas e princípios da Permacultura..... | 40 |
| Figura 08: Colheita de quiabos e manejo da horta..... | 42 |
| Figura 09: Viveiro de mudas produzido com materiais reutilizados..... | 44 |
| Figura 10: Canteiros da horta..... | 45 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| CS | Centro de Saúde |
| CNES | Cadastro Nacional dos Estabelecimentos |
| ESF | Equipes de Saúde da Família |
| ICS | International Commission on Stratigraphy |
| SQS | Subcommission on Quaternary Stratigraphy |
| PANCS | Plantas Alimentícias Não Convencionais |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 16 |
| 2. OBJETIVOS | 21 |
| 2.1 OBJETIVO GERAL | 21 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 21 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO EMPÍRICO | 22 |
| 3.1 PSICOLOGIA AMBIENTAL E SAÚDE PLANETÁRIA | 22 |
| 3.2 PERMACULTURA URBANA | 26 |
| 4. METODOLOGIA | 30 |
| 4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA | 30 |
| 4.3 A ÁREA DE ESTUDO | 31 |
| 5. RELATO DA EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO | 36 |
| 5.1 REFLEXÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA | 39 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| 7. REFERÊNCIAS | 49 |

1. INTRODUÇÃO

O planeta Terra possui cerca de 4,5 bilhões de anos. Durante esse tempo, a Terra passou por intensas e frequentes oscilações climáticas e ambientais. Nem sempre a vida foi possível aqui. Contudo, há aproximadamente 10 mil anos, a Terra entrou num período de estabilidade climática onde a variabilidade de temperatura não oscilou muito mais que 1°C. Foi esta estabilidade, conhecida como período do Holoceno, que garantiu a possibilidade do surgimento da vida como a conhecemos hoje: das bactérias, protozoários, fungos, plantas e animais humanos e não humanos.

Entretanto, a estabilidade climática está ameaçada em decorrência da ação da espécie humana. Essa ameaça passou a ser nomeada pelos cientistas como Antropoceno, termo utilizado inicialmente pelo biólogo Eugene F. Stoermer e pelo químico Paul Crutzen (Crutzen; Stoermer, 2000).

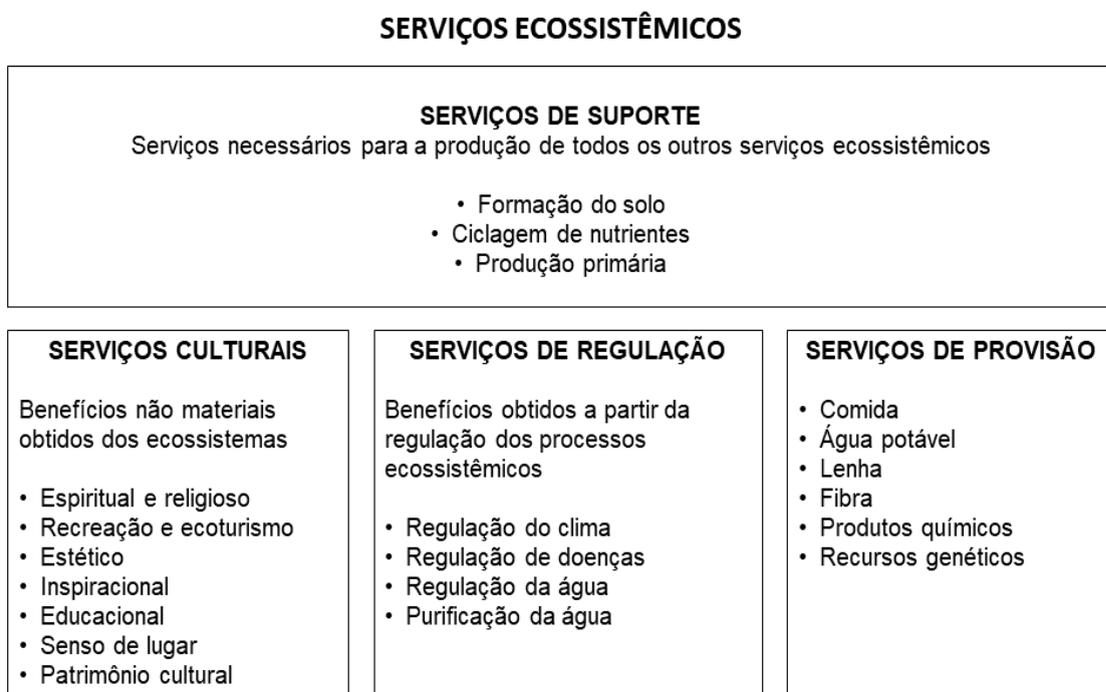
O conceito do Antropoceno foi introduzido para representar a mudança na relação entre humanos e ambientes e sugere que: (I) a Terra está saindo de sua atual época geológica, chamada Holoceno, e (II) que a atividade humana é, em grande parte, responsável por essa saída. Ou seja, de acordo com a proposta de Crutzen e Stoermer (2000), a humanidade deve ser compreendida como uma força geológica global (Steffen et al., 2011).

Desde sua introdução, o conceito de Antropoceno foi amplamente aceito pelos cientistas e pelos canais de popularização midiática, porém, em 2024, a Subcomissão de Estratigrafia Quaternária (SQS), da Comissão Internacional de Estratigrafia (ICS), votou pela rejeição da proposta de uma época antropocena como uma unidade formal da escala de tempo geológico. A nota publicada pela SQS ressalta, no entanto, que o conceito continuará em uso não apenas pelos cientistas da Terra e do meio ambiente, mas também por cientistas sociais, políticos, economistas e pelo público em geral. Continuará sendo um descritor inestimável do impacto humano no sistema terrestre (Zalasiewicz et al., 2024).

Este trabalho compreende então o Antropoceno como um conceito político, social e ambiental, que reúne, sistematiza e discute um vasto campo de informações sobre como a ação humana está provocando mudanças nos sistemas planetários e colocando a biodiversidade em risco, incluindo a própria espécie humana.

Apesar de muitas vezes considerar-se protegida por sua tecnologia e cultura, a humanidade é, em última análise, totalmente dependente do fluxo dos serviços ecossistêmicos. Este conceito refere-se aos benefícios que os seres humanos recebem dos ecossistemas e que incluem serviços de suporte – formação do solo, ciclagem de nutrientes e produção primária –, que são necessários para a produção de todos os outros serviços ecossistêmicos. Dos serviços de suporte derivam os serviços de provisão, serviços de regulação e serviços culturais, que agem como determinantes e constituintes do bem estar humano.

Figura 01: Serviços ecossistêmicos



Fonte: adaptado de Dryzek et al. (2011)

Consideramos que o termo "serviços" revela também o caráter antropocêntrico ocidental, como se a natureza estivesse a serviço dos seres humanos, visão bastante alinhada com as consequências do antropoceno. No entanto, como ele é amplamente utilizado na literatura científica, este trabalho continuará adotando-o.

Salienta-se que a humanidade consegue usufruir dos serviços ecossistêmicos graças às condições de regulação planetária decorrentes do período

do holoceno. Sendo assim, a alteração da estabilidade da Terra provocada pela ação humana já está sendo percebida e continuará afetando todas as espécies do planeta. Contudo, por questões epistemológicas, este trabalho concentra-se na relação entre ambiente e espécie humana.

Quando o Antropoceno é entendido não como uma era geológica, mas como um processo humano, torna-se mais fácil entender que as mudanças climáticas não vêm de eventos catastróficos como maremotos e explosões vulcânicas, que tiram a responsabilidade e a agência das pessoas. Passamos a percebê-lo, por exemplo, ao reparar na morte dos solos, na falha da ciclagem dos nutrientes, na perda da biodiversidade, na escassez de matérias primas, na poluição dos lençóis freáticos, na alteração do equilíbrio das estações climáticas, na diminuição da oferta de alimentos e no preço dos alimentos. Sobre essas questões, é possível agir e esta ação envolve uma atualização profunda na forma de relação que a humanidade tem com o planeta.

Os problemas ambientais não são apenas de ordem técnica, que requerem soluções das ciências exatas e tecnológicas. É necessário que as ciências sociais e humanas também estejam envolvidas. E, tratando-se de uma resultante da ação humana, é essencial que o comportamento, as motivações, a racionalidade e os afetos das pessoas sejam investigados para compreensão e ação sobre a relação pessoa-ambiente. Neste contexto, a Psicologia Ambiental torna-se uma potente aliada (Diniz, 2016).

A Psicologia Ambiental é uma disciplina que se dedica a analisar as relações que, em nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos (Valera, 1996), com o objetivo de promover uma relação harmônica, que resulte em bem-estar para as pessoas e sustentabilidade para o ambiente (Wiesenfeld, 2005). A partir do entendimento de que há um contínuo e mútuo processo de influência entre pessoas e seus entornos.

Kazdin (2009, apud Diniz, 2016), aponta a Psicologia Ambiental como uma disciplina central e passível de formar parcerias com diversos campos do saber para contribuir na promoção de comportamentos ambientalmente saudáveis. Considerando seu caráter aplicado e a plasticidade epistemológica e metodológica que a caracterizam, a Psicologia Ambiental pode contribuir com os estudos de

compreensão e mitigação dos efeitos do Antropoceno. Incluímos também seu potencial de organização e ação para o enfrentamento de suas causas.

Na conferência *Conexões entre saúde mental e saúde planetária*¹, Elaine Flores apresentou um panorama sobre os efeitos das mudanças climáticas na saúde mental e no bem-estar psicossocial em grupos diferentes de populações. Sabe-se que eles são afetados de modos diversos, alguns mais diretamente que outros, como é o caso das populações indígenas, dos grupos marginalizados, dos moradores de regiões expostas a eventos climáticos extremos, dos moradores de zonas insulares com risco de desaparecimento em decorrência do aumento do nível dos mares, e também em pessoas com transtornos mentais preexistentes.

A pesquisadora também pontuou o risco de aumento de algumas psicopatologias, como o transtorno pós-traumático, a depressão, ansiedade e crises de pânico. Também há novas nomenclaturas psiquiátricas específicas como a eco-ansiedade e o estresse climático. Outros fatores ambientais relevantes e que têm influência direta no desenvolvimento de transtornos mentais são a exposição a pesticidas, a contaminação atmosférica e aos disruptores endócrinos. O calor extremo também tem influência na saúde mental, podendo influenciar na produtividade laboral e provocar surtos psicóticos (Flores, 2023).

Para o enfrentamento dos desafios contemporâneos, em nível psicológico e ambiental, a Permacultura surge como uma alternativa aos modelos convencionais de habitar o planeta, que envolve o conhecimento dos sistemas complexos para entender nossas necessidades humanas, porém com o objetivo principal de beneficiar todas as formas de vida na Terra.

Concebida a partir da reunião de conhecimentos de diversas disciplinas e saberes populares, foi sistematizada por Bill Mollison e David Holmgren, seus fundadores, na década de 1970, quando já se iniciava a crise ecológica em curso. Permacultura é o nome derivado do termo 'cultura de permanência' e, atualmente, designa uma ciência socioambiental de planejamento de assentamentos humanos autossustentáveis, que evoluem naturalmente em relacionamentos dinâmicos e renováveis com o ambiente ao seu redor. (NePerma UFSC, 2024).

¹ [1] A conferência foi promovida em 2023 pelo grupo de pesquisa em saúde planetária da Universidade de São Paulo - USP, na foi feita a apresentação por Elaine Flores, pesquisadora de Sandford.

Este trabalho buscou conhecer uma experiência alternativa urbana que funde a permacultura, a psicologia ambiental e a saúde planetária. Investigou-se uma horta comunitária instalada no Centro de Saúde do Itacorubi, em Florianópolis, onde se buscou conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem naquele espaço e analisar as possíveis relações com esses três eixos de reflexão.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem no espaço da horta do Centro de Saúde do Itacorubi, à luz da psicologia ambiental e da Permacultura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar as possíveis relações que emergem a partir da observação participante nas atividades da horta, com base nos ensinamentos da Permacultura e da Psicologia Ambiental;
2. Identificar as potencialidades do projeto das hortas nos Centros de Saúde;
3. Identificar propostas de investigação para pesquisas futuras.

3. REFERENCIAL TEÓRICO EMPÍRICO

3.1 PSICOLOGIA AMBIENTAL E SAÚDE PLANETÁRIA

Psicólogos e profissionais de saúde mental têm grande potencial de auxílio nos trabalhos que envolvem os impactos das mudanças climáticas. Eles podem fazer contribuições importantes para a compreensão do assunto e para o desenvolvimento de estratégias de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação de situações de tragédias decorrentes de eventos extremos e diante do colapso ambiental que se anuncia.

No passado, a psicologia ambiental já definiu conceitos e produziu descobertas sobre os efeitos da relação pessoa-ambiente e trabalha agora para que este conhecimento favoreça a proposição de alternativas à crise ambiental. Para Nielson et al. (2021), os psicólogos podem aumentar sua contribuição para a mitigação da degradação ambiental se focarem principalmente em ações que favoreçam o desenvolvimento de relações mais harmoniosas e não degradantes entre as pessoas e seus ambientes.

De acordo com Person et al. (2021), os eventos climáticos extremos destacam muitos desafios éticos que as mudanças climáticas explicitam e que são cada vez mais foco da formulação de políticas públicas e do engajamento social. Um dos desafios envolvidos é compreender de que maneiras essas dimensões éticas e morais fortalecem ou enfraquecem a capacidade humana de resposta comprometida e cooperativa.

Define-se um problema moral típico como uma situação que tem um perpetrador identificável prejudicando uma vítima. (Jamieson, 2010.) Porém, no caso das mudanças climáticas, grande parte da população não consegue perceber os efeitos individuais ou da espécie sobre o planeta. Isso se deve a alguns fatores, sob os quais psicólogos e estudiosos das ciências humanas e sociais deveriam concentrar suas ações.

Jamieson (2010) cita como determinantes do baixo engajamento social com comportamento pró-ambientais a crença de que a crise climática é provocada por efeitos naturais ao invés de humanos, a incerteza sobre os efeitos que as ações humanas são capazes de promover, a baixa aproximação temporal ou espacial com as resultantes dos eventos extremos e os sentimentos de baixa eficácia. Gardiner (2006) também aponta alguns fatores, como a dispersão de informações sobre causas e efeitos das mudanças climáticas, a fragmentação e difusão das responsabilidades, a inadequação das instituições e a falta de um sistema eficaz de governança global.

De acordo com Person et. al. (2021), o individualismo e as crenças no livre mercado são preditores robustos do ceticismo em relação ao clima e da oposição às políticas e regulações governamentais. Isso porque os esforços de adaptação e mitigação do clima podem ser vistos por alguns como uma ameaça à autonomia e à prosperidade individual. Nego Bispo explicou isso através da beleza dos saberes ancestrais dizendo que “dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal, não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia”. (Bispo, 2023, p.9).

De acordo com a Agência da ONU para Refugiados, conforme os eventos climáticos extremos e condições ambientais pioram, eles contribuem para múltiplas e sobrepostas crises, ameaçando os direitos humanos, aumentando a pobreza e a perda de meios de subsistência, tensionando as relações pacíficas entre comunidades e, aumentando a necessidade de deslocamentos forçados. A crise climática está ampliando o deslocamento, produzindo refugiados climáticos, e tornando a vida mais difícil para aqueles que já foram forçados a se deslocar. (ACNUR, 2024).

No que diz respeito à saúde humana, parte da população tem um ceticismo sobre sua correlação com o clima. (Gurtner, Moser, 2024). No entanto, sabe-se que as mudanças climáticas têm diversos impactos sobre a saúde física e na saúde mental. Estudos indicam que eventos climáticos extremos aumentam, por exemplo, o risco do desenvolvimento de psicopatologias, incluindo estresse agudo, ansiedade,

transtorno pós-traumático, abuso de substâncias, entre outros. São situações agudas, mas que podem se cronificar e persistir por meses ou até anos após o acontecimento traumático.

Outro campo que vem contribuindo para a produção de conhecimento e proposição de ações abrangentes na relação entre saúde e bem-estar humanos com Terra é a Saúde Planetária. Este conceito, introduzido pela primeira vez em 2015 pela Rockefeller Foundation – The Lancet, representa um campo e movimento social transdisciplinar voltado para soluções.

A Saúde Planetária foca em analisar e abordar os impactos das perturbações humanas nos sistemas naturais da Terra e suas consequências para a saúde humana e toda a vida no planeta. (Planetary Health Alliance, 2024).

A Saúde Planetária baseia-se na compreensão de que a saúde e a civilização humanas dependem de sistemas naturais² *prósperos* e da sua *utilização* inteligente. No entanto, esses sistemas estão sendo degradados a um nível sem precedentes, o que torna imperativo o desenvolvimento de estratégias que promovam a sustentabilidade e a proteção dos ecossistemas para assegurar um futuro saudável para todos os seres. (Planetary Health Alliance, 2024).

A importância dos ambientes naturais no apoio à saúde e bem-estar humanos está se tornando cada vez mais explícita à medida que os sistemas naturais da Terra são degradados. A saúde planetária estuda várias doenças resultantes do colapso dos sistemas naturais, como má nutrição, doenças infecciosas, doenças não comunicadas (câncer, problemas cardiovasculares e pulmonares), enfermidades ocasionadas pelos deslocamentos forçados e doenças mentais.

O relatório da Lancet Planetary Health identificou três desafios a serem enfrentados para manter e melhorar a saúde humana diante da crise climática. Identificou-se primeiramente que as falhas conceituais e de empatia geram um desafio de imaginação. Estamos presos a um sistema que mede o progresso humano através do produto interno bruto e é difícil para muitos imaginar outros

² Os sistemas naturais são litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera.

futuros - que não passem pelo formato econômico capitalista, acrescentaríamos. Em segundo lugar estão os desafios de pesquisa e informação, visto que existem lacunas de conhecimento que dificultam a adesão das pessoas aos comportamentos pró-ambientais. O terceiro desafio está no campo da governança, pois as instituições não estão preparadas para lidar com o que estamos enfrentando e falham ao relativizar a necessidade de implementação de ações que mitiguem riscos. (The Lancet, 2015).

A integração da Psicologia Ambiental com a Saúde Planetária pode ser extremamente benéfica para promover mudanças significativas no cenário global. Essa colaboração pode abordar tanto os desafios identificados no relatório da Saúde Planetária quanto temáticas já bastante conhecidas da Psicologia Ambiental, como percepções e cognições ambientais, apego e identidade do lugar, comportamentos pró-ambientais, qualidade de vida e bem-estar relacionados aos lugares, riscos ambientais e percepção de risco, entre outros fatores psicológicos e representações sociais que influenciam a aceitação humana da situação global.

Cientes de que as pesquisas e intervenções psicológicas são importantes para a mudança individual e social, e que os valores coletivos e incentivos governamentais são cruciais para provocar a transformação necessária, reconhece-se que as epistemologias não são neutras e precisam se localizar a partir de seus territórios. Desse modo, valoriza-se a atualização que a Psicologia Ambiental vem fazendo sobre si mesma a fim de assumir sua identidade no sul global e tomando dimensões ético-políticas. Conforme diz Ferreyra (2021):

Na busca por aletar as relações de desigualdade, enfatiza a espacialização das subjetividades e a dessubstancialização dos espaços no quadro de processos coletivos que colocam a produção do comum e a sustentabilidade da vida no centro. (Ferreyra, 2021. 40).

Espera-se que o mesmo possa ocorrer com a saúde planetária, considerando a complexidade ambiental, por exemplo, do Brasil. Um país de extensões continentais, que comporta dentro de si cinco biomas, povos e culturas diversos e uma riqueza de fauna e flora que também precisam ser cuidadas.

3.2 PERMACULTURA URBANA

No prefácio da edição brasileira do livro *Introdução à Permacultura*, (Mollinson, 1998), Carlos Miller escreve que a Permacultura é considerada o que finalmente começamos a entender agora, que os seres humanos “são somente um componente da natureza, que estão ligados aos outros elementos, e que a Terra é uma comunidade organicamente entrelaçada de plantas, animais e micro-organismos, sustentando outras formas de vida”. (p. 4).

Na década de 1970, Bill Mollinson e David Holmgren cunharam o conceito da Permacultura a partir da reunião e sistematização do conhecimento e propondo o desenvolvimento de uma estrutura de trabalho para um sistema agrícola sustentável. Em 1978 foi publicado o livro *Permacultura Um*, e no ano seguinte, *Permacultura Dois*.

Desde o surgimento da Humanidade sobre a Terra, há dois milhões e meio de anos, e até dez milênios atrás, quando surgiu a agricultura, só havia caçadores e coletores como os povos indígenas que, até hoje, em vários pontos do Planeta, são bem-sucedidos na resolução de seus projetos de vida, caçando e colhendo o que a natureza põe no seu caminho. Pode-se dizer, então, que a Permacultura tem dez mil anos de existência, porque, no nascedouro dessa atividade humana, estão presentes a observação e o respeito à natureza que caracterizavam o ser humano, àquela época, e que até hoje servem de sustentação conceitual e prática desta que é chamada, também, de Agricultura Permanente. (Mollinson, 1998, p. 6).

A Permacultura é um sistema de design para a criação de ambientes humanos sustentáveis, com o objetivo de criar sistemas que sejam ecologicamente corretos e economicamente viáveis; que supram suas próprias necessidades e não explorem e poluam os sistemas naturais. Ela é baseada na observação de sistemas vivos, na sabedoria contida em sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento moderno, científico e tecnológico. (Mollinson, 1998).

Historicamente, a Permacultura se concentrou na gestão de terras e da natureza em espaços rurais (ou fora dos núcleos urbanos). Seus princípios e

práticas estão agora sendo aplicados a outros locais que lidam com recursos físicos, energéticos e organizações humanas. (Holmgren, 2018).

A Flor da Permacultura é um esquema que mostra as principais dimensões que exigem transformação para criar uma cultura sustentável. O caminho em espiral parte do centro, como as éticas (cuidar da terra, cuidar das pessoas, e partilha justa) e segue para os princípios, sugerindo um entrelaçamento entre eles em nível pessoal e depois local, coletivo e global.

Figura 02: Flor da Permacultura



Fonte: NePerma - UFSC

Em geral, a perspectiva de quem vive nas grandes cidades é que todos os outros lugares são rurais; no entanto, aqueles que vivem em centros regionais rurais não vêem a sua própria comunidade como rural.

Dados demográficos apontam que em 2021 cerca de 56% de toda a população humana residia em cidades. Apesar de uma desaceleração no ritmo da urbanização durante a pandemia, estima-se que a população urbana continue crescendo, podendo chegar a 68% em 2050. (ON-HABITAT, 2022). Em geral, a

perspectiva de quem vive nas grandes cidades é que todos os outros lugares são rurais, enquanto aqueles que vivem em centros regionais rurais não veem a sua própria comunidade como rural. (Almeida et al, 2018).

Com isso, compreendemos que é inevitável pensar em outras formas de habitação urbana. Se é fato o que disse Robert Park (apud Harvey, 2000) que “ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo”, espera-se que agora ele a atualize a partir das bases de sustentabilidade, cooperação e comunhão. (p.210).

Para Raquel Rolnik (2012), a cidade é fruto da imaginação e trabalho articulado de muitas pessoas, que a tornam uma obra coletiva que desafia a natureza. A cidade é como um ímã que cria um campo magnético atraente, reunindo e concentrando pessoas, e, ao pensá-la dessa forma, é importante lembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. “O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo” (pág, 20).

O crescimento das grandes cidades é reforçado por políticas públicas e tensões capitalistas decorrentes do crescimento econômico global, enquanto cidades regionais, vilas e povoados observam um crescimento modesto e um modelo urbano compacto, que têm maior facilidade em preservar terras e desenvolver bairros de uso misto com mais trabalho local e radicalmente menos deslocamentos. (Homlgren, 2008).

O design permacultural urbano busca pensar a cidade integrada ao meio natural, conectando espaços verdes de preservação, de lazer e de produção agroecológica de alimentos, acompanhando o ciclo natural de vida e de desenvolvimento da flora e da fauna (SÃO PAULO, 2012). De modo geral, ao aplicarmos os conceitos originais da Permacultura no meio urbano, devemos observar tanto aspectos climáticos quanto sociais: deve-se respeitar os padrões naturais e analisar a paisagem local, harmonizando as relações dos espaços da cidade com o relevo, a vegetação, os corpos d’água, as estações do ano, a orientação solar, os ventos e os ruídos, bem como respeitar a história e as características culturais do lugar. (Nór et al., 2019).

De acordo com Nór et al. (2019), pensar o planejamento urbano aliado à permacultura envolve integrar os sistemas urbanos com o meio natural. Esse enfoque possibilita a modificação da paisagem urbana através da humanização dos espaços comuns da cidade e do aumento de suas vitalidades. Como resultado disso, podemos ter cidades vibrantes, com espaços ocupados e convivência colaborativa.

4. METODOLOGIA

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente pesquisa é um estudo qualitativo, com objetivos exploratórios, composta pela observação de campo e observação participante. Como ferramentas metodológicas, utilizou-se o diário de campo e a captação fotográfica dos ambientes. Foram realizadas cinco visitas ao campo, todas nas segundas-feiras, entre 16h e 18h, e no intervalo de março a maio de 2024. A pesquisa teve por finalidade conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem no espaço da horta do Centro de Saúde do Itacorubi, à luz da psicologia ambiental e da Permacultura.

A pesquisa aconteceu numa horta de plantas medicinais instalada no Centro de Saúde do Itacorubi, bairro localizado na zona central da parte insular de Florianópolis, Santa Catarina. De acordo com o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (2024), o Centro de Saúde (CS) do Itacorubi é administrado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e é considerado uma Unidade Básica de Saúde e uma Unidade Auxiliar de Ensino.³

Dentro das diretrizes da Política Nacional de Atenção Básica (Brasil, 2017), considera-se que o CS presta serviços de atenção primária e de média complexidade. Entre os serviços oferecidos, possui clínica médica e odontológica, sala de procedimentos de enfermagem, imunização, serviço de nutrição dietética, residência da saúde da família e recebe estagiários dos cursos de graduação em saúde da Universidade Federal de Santa Catarina. Contando com cinco equipes da Estratégia da Saúde da Família (ESF) e duas da Estratégia da Saúde Bucal.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A proposta desta pesquisa partiu do interesse e incentivo de professores pesquisadores para compreender como a horta do Centro de Saúde do Itacorubi

³ Está registrado no CNES sob o número 2692546 e sua localização geográfica é Rodovia Amaro Antônio Viêira, 2260 - Itacorubi, Florianópolis - SC, 88034-102. Seu horário de funcionamento é das 07:00 às 19:00.

vem sendo um espaço promotor de saúde e qualidade de vida para a população. Além deste trabalho, outros estão sendo realizados no local, com o intuito de fortalecê-lo.

A primeira visita ao campo aconteceu em equipe, com um professor e um estudante de Arquitetura e Urbanismo. Naquele dia, os profissionais do CS e do município de Florianópolis estavam em greve, reivindicando melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Por esse motivo, não houve o encontro do grupo terapêutico, mas pudemos conhecer o espaço e construir ideias de investigação e intervenção.

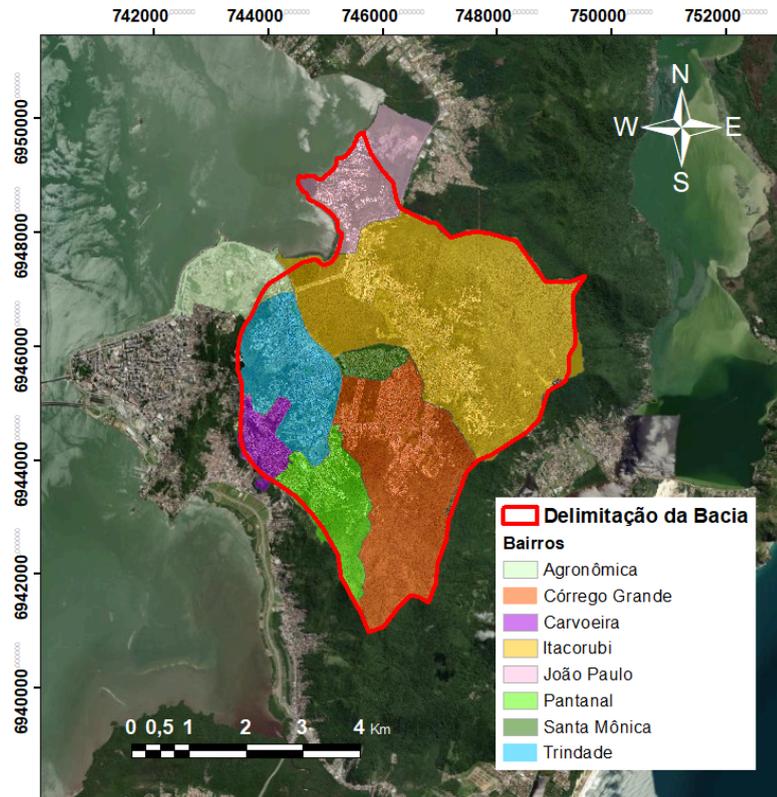
No mesmo dia, fizemos uma exploração do território no entorno do CS. Inicialmente fomos a uma área verde que fica localizada na frente do serviço e que impressiona pelo seu potencial de restauração ambiental.

4.3 A ÁREA DE ESTUDO

Alguns aspectos sobre a leitura da paisagem na região do CS do Itacorubi.

O bairro fica localizado sobre a bacia do Rio Itacorubi, situada na Ilha de Santa Catarina. A bacia compreende 25km² e se estende por alguns bairros da região central da cidade. É considerada de pequeno porte, mas é a segunda maior bacia hidrográfica da cidade, sendo menor apenas que a bacia da região de Ratoles. O relevo é bem definido, com morros circundantes e altitudes de aproximadamente 300 metros, de onde brotam as duas principais vertentes: a vertente do Córrego Grande (que dá origem ao Rio Itacorubi), e o Rio do Meio (que passa pelo campus da UFSC). No trajeto, encontram alguns afluentes até desaguar na região do manguezal do Itacorubi, região de planície.

Figura 03: Bacia Hidrográfica do Itacorubi



Fonte: PET-ECV (UFSC), Bacia Hidrográfica do Itacorubi

Até por volta das décadas de 1970 e 1980, a localidade onde hoje é o bairro Itacorubi era uma grande área rural, dedicada ao manejo do gado leiteiro. A ocupação urbana do bairro passou a acontecer a partir da instalação de órgãos públicos e autarquias estaduais, podendo ser considerada relativamente nova. Atualmente, estão naquelas intermediações a EPAGRI, CIDASC, CELESC, UDESC, campus agrário da UFSC, CREAS, FIESC, a antiga TELESC (Mattos, 2009).

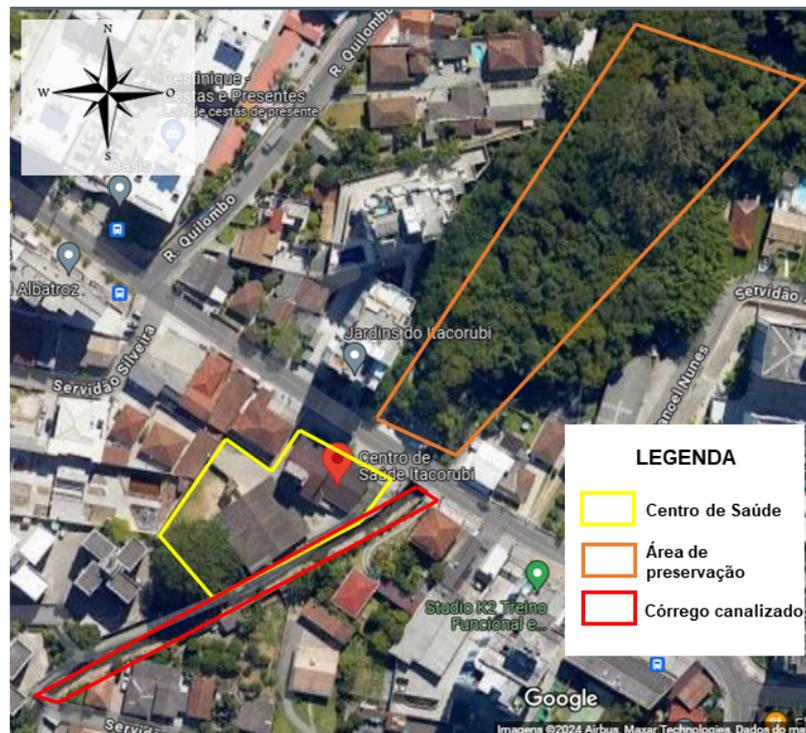
Entre as áreas verdes do bairro, destacam-se o parque do Manguezal do Itacorubi, o Jardim Botânico da cidade de Florianópolis, além das regiões de encosta dos morros e as áreas verdes dos jardins dos órgãos públicos (que são predominantemente gramados e estacionamentos).

Nos últimos anos, houve um aumento muito significativo no número de condomínios residenciais construídos principalmente na encosta do Morro do Quilombo, em grande parte edificações de alto padrão e verticalizadas.

A horta instalada no Centro de Saúde do Itacorubi faz parte do programa *Cultiva Floripa*, com gestão compartilhada entre as Secretarias Municipais da Prefeitura de Florianópolis. A iniciativa é voltada ao desenvolvimento da agricultura em espaços urbanos, com o objetivo de trazer à população do município de Florianópolis a consciência de uma alimentação de qualidade biológica superior. Também estimula-se a melhoria da qualidade de vida através da promoção da saúde, bem-estar, incentivo à compostagem, valorização de atitudes sustentáveis e aproveitamento de espaços públicos para socialização” (Cultiva Floripa, 2024).

Há uma área verde localizada em frente ao Centro de Saúde, a mata é significativa e corresponde à área legal de preservação de um riacho. Ela conecta a Rodovia Amaro Antônio Vieira ao Morro do Quilombo, sendo utilizada pelos moradores como rota alternativa de pedestres. Tornou-se uma ilha verde, com potencial de parque ecológico.

Figura 04: Contraste da área de preservação do rio e trecho canalizado

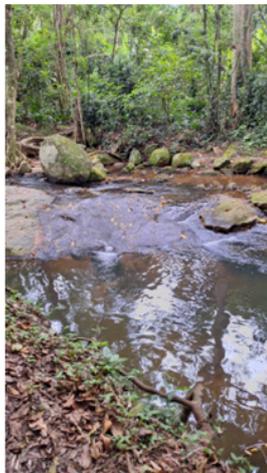
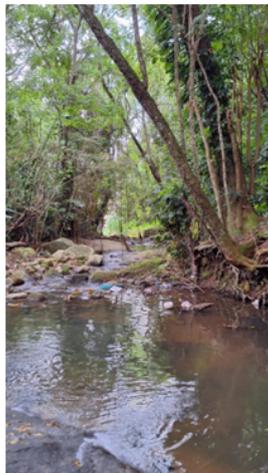


Fonte: Google Maps com edições da pesquisadora

Apesar de se tratar de um caminho alternativo, as *estruturas invisíveis* são bem explícitas neste caso e a área é sinalizada com uma única placa que avisa: “Área em processo de recuperação ambiental. O trânsito de pedestres está proibido em respeito a Lei Federal 4771/1965; Municipal 001/97...”. (Figura 05) As Leis em questão eram versões anteriores do Código Florestal do Brasil, e da Lei municipal de Florianópolis que dispõe sobre o zoneamento, o uso e a ocupação do solo.

A comunidade resiste à limitação imposta e continua usando aquela área como rota alternativa. No entanto, o terreno está mal conservado, utilizado como depósito de resíduos, com sinais de assoreamento do rio, sem iluminação ou sinalização dentro do percurso. A travessia dos moradores acontece por dentro do rio, onde equilibram-se nas pedras. As raízes das árvores funcionam como grandes redes de obstrução dos resíduos – que não sabemos se são descartados no local ou se são trazidos pelas chuvas.

Figura 05: Estado de conservação da área verde do manancial



Fotos do acervo pessoal

Do outro lado da rua, ao lado do CS, o cenário se altera drasticamente. Ali, o riacho foi quase completamente canalizado. Desde seu chão até as laterais foram cimentadas e contidas por grandes muros. Não há árvores. Conforme a figura 04, de um lado da rua o riacho corre solto e, ao passar a ponte, fica preso no cimento.

No Centro de Saúde, por sua vez, observa-se a predominância de duas edificações desconectadas uma da outra, com acesso por meio de calçadas cimentadas. Na edificação da frente está a recepção e na edificação dos fundos os consultórios médicos. Atrás deles está o terreno que recebeu a horta. Trata-se de um espaço de jardim sombreado e que costeia o muro que dá limites ao terreno. Os cultivos da horta foram se expandindo para a parte do terreno destinada ao estacionamento.

Apesar de a horta estar num terreno não acessível aos carros, o local onde acontecem as rodas de conversa, durante as atividades do grupo terapêutico, é destinado ao estacionamento, gerando um certo conflito de uso entre grupo da horta e usuários de automóvel.

Figura 06: Fotografia da horta



Fonte: Acervo pessoal

5. RELATO DA EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO

O encontro do grupo terapêutico que atua na horta acontece nas segundas e quartas-feiras, com início às 16h e duração aproximada de uma hora e trinta minutos. É coordenado por duas médicas da família e da comunidade, mas não depende delas para acontecer. Participam dele usuários do CS, profissionais de saúde (médicas, enfermeiras), profissionais da residência multiprofissional em saúde (médica, psicóloga, nutricionista), estagiários e outras pessoas da comunidade – sejam moradores do bairro ou não. Destaco a participação de uma estudante e estagiária de graduação em teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina, que teve um papel fundamental durante as observações realizadas para este estudo. Em cada encontro ela propunha jogos de improvisação e dinâmicas que incentivaram a expressão artística e emocional dos presentes.

Durante o período de campo, as atividades observadas pela pesquisadora foram ações de educação ambiental, manejo e cultivo do solo, o acolhimento interpessoal e jogos teatrais facilitados pela estagiária de teatro. As pessoas socializam de modo colaborativo e não hierárquico, e o grupo terapêutico está num estágio de autogestão que permite seu funcionamento mesmo quando as coordenadoras não estão presentes.

É curioso perceber que as atividades de manejo da horta não são exclusividade do grupo e que, apesar de haver uma estrutura de funcionamento, não há roteiros previamente definidos. O que parece é que as pessoas *encontram-se* naquele local, no sentido buberiano de encontro. Isto é, de modos íntegros e autênticos, reconhecendo a singularidade dos demais participantes. Quando há Encontro, o Eu e o Tu podem se transformar. (Buber, 2010). A horta é quem facilita e media aqueles momentos.

Num dia típico, as primeiras pessoas a chegarem montam a roda de caixotes reciclados e conversam até chegar o horário do início do grupo terapêutico. A roda se forma na sombra das árvores e tem por funções promover um espaço em que todas as pessoas possam se olhar, um espaço de escuta e de pertencimento. O

espaço de fala é livre e as trocas vão acontecendo no campo fértil que se estabelece. Os assuntos transitam por temas diversos, passando pela ecologia, botânica, política, saúde. Alguém conta que não está conseguindo fazer sua planta vingar e o grupo organicamente começa um processo de ‘anamnese’ do solo, da insolação e das demais condições que garantem a saúde da planta.

A roda de conversa é um instrumento impulsionador de diálogo, com grande potencial de facilitar a livre expressão e engajar a presença mútua. (Lima, Fecchi, Castro, 2022). Neste olho-no-olho e fluidez na conversa, surge a oportunidade de exercício das éticas da permacultura, pois, como salienta Diniz (2016), “a ética permacultural tem implícito, também, a dimensão afetiva, contemplando as repercussões positivas das práticas. Há a valorização do bem-estar, a busca pela satisfação no contato direto com ambientes naturais, e a promoção de relações humanas saudáveis”. (p. 114).

Figura 07: Organização da roda de conversa



Fonte: acervo do grupo

As relações interpessoais são cultivadas simultaneamente ao cultivo da terra. A horta é composta pela diversidade e cresce cheia de plantas medicinais, plantas alimentícias e plantas alimentícias não convencionais (PANCS). Instalada num centro de saúde, serve como ato de resistência aos modos de fazer saúde que impõe um modelo tecnocrático, alopático e, muitas vezes, acompanhado da esterilidade das relações.

Conforme citado anteriormente, o CNES aponta o CS do Itacorubi também como uma Unidade Auxiliar de Ensino, sendo autorizada a receber residentes e estagiários da área da saúde. A grande adesão ao grupo por parte destes profissionais surpreendeu a pesquisadora – foram a maioria dos presentes em todos os encontros. Pode-se supor que haja uma relação com os novos paradigmas de formação em saúde, visto que nos últimos anos formou-se um consenso sobre a necessidade de desenvolver e fornecer recursos humanísticos para o processo de formação e atuação dos profissionais da saúde (Floss et al, 2013).

Atualmente, temas que envolvem a crise climática e as noções da saúde planetária estão sendo apresentados aos profissionais de saúde. Talvez esse conhecimento motive a presença de tantos profissionais em formação interessados pelo grupo terapêutico da horta e suas atividades ecológicas.

Em compensação, o número de participantes da comunidade não é tão grande. Nas segundas-feiras, participam mais ativamente três usuários, e outros comparecem ocasionalmente. Uma ideia utilitarista poderia colocar em questão a baixa participação dos usuários para inviabilizar a continuidade do grupo terapêutico, mas parece haver um compromisso com a horta que vai além dos números e que independe da quantidade de pessoas presentes.

Observou-se que não há divisão entre quem é usuário e quem é profissional, o grupo da horta dilui a hierarquia do conhecimento, pois independentemente do nível de escolaridade ou profissão, relações horizontais emergem, permitindo que os saberes populares e empíricos sejam acolhidos, valorizados e compartilhados.

Eventualmente, os participantes trazem mudas para serem plantadas na horta. São momentos bonitos, pois mesmo que o procedimento seja realizado por

uma pessoa que cava o solo e outra que coloca a planta na terra, o grupo todo costuma fazer uma roda em volta e acompanhar o plantio. É como se dissessem: “você é bem-vinda aqui”. Foi o caso de uma bananeira que chegou há poucas semanas e ganhou lugar perto de outras que já “moram” lá.

Parece que cada planta é uma espécie de sujeito, que tem sua singularidade reconhecida e respeitada. Assim como ocorre com os saguis que vivem nas redondezas e visitam o grupo. O espaço-tempo da natureza é respeitado, e o crescimento dos morangos, a necessidade da poda do manjericão ou o local onde cada planta é colocada fazem parte dessa experiência de interconexão. As próprias plantas vivem em comunidade no local.

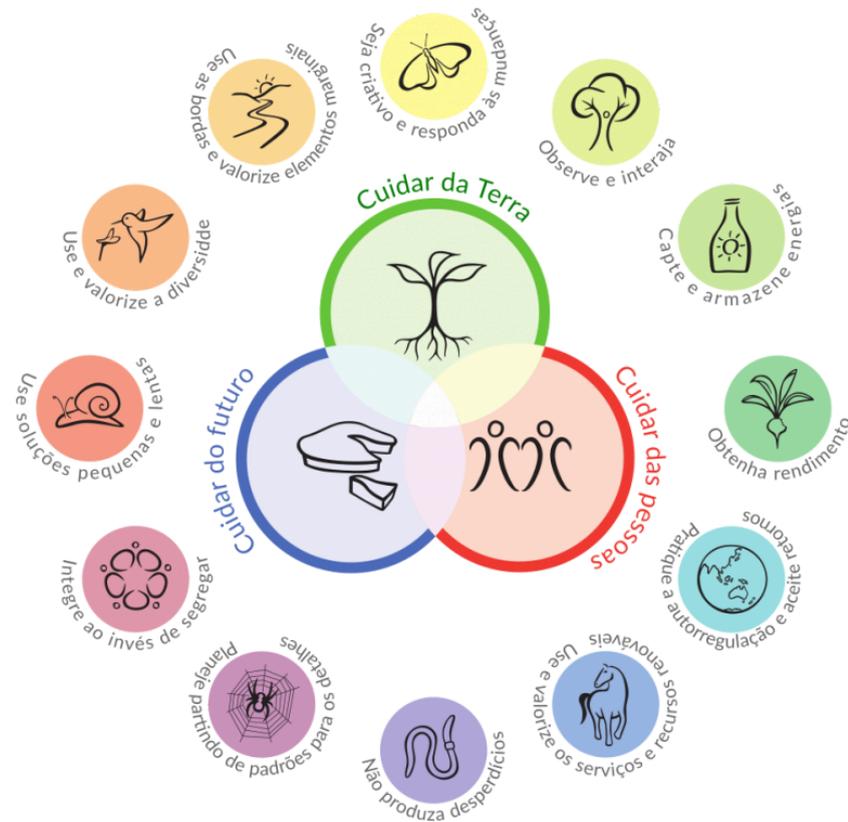
5.1 REFLEXÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA

Para David Holmgren (2018), a permacultura tornou-se algo como um movimento global de indivíduos, grupos e redes que trabalham para criar o mundo que queremos, suprimindo nossas necessidades e organizando nossas vidas em harmonia com a natureza. O movimento está ativo nas comunidades e tanto nos países mais privilegiados como nos mais carentes.

A base científica dos princípios de design da permacultura está fundada na ciência moderna da ecologia e, mais especificamente, no ramo da ecologia chamado "ecologia de sistemas". A geografia da paisagem, a etno-biologia e os saberes dos povos indígenas também contribuíram com os conceitos que foram incorporados aos princípios de design (Holmgren, 2020).

Os princípios servem como norteadores e organizam a diversidade de segmentos envolvidos no planejamento permacultura. David Holmgren (2020) defendia que os princípios e a ética da permacultura podem ser observados operando ao nosso redor, e sua ausência, ou aparente contradição pela cultura industrial moderna, não invalida sua relevância universal para um futuro de baixa necessidade energética e autossustentável.

Figura 08: Éticas e princípios da Permacultura



Fonte: NePERMA UFSC

A horta também se torna um lugar de trocas sobre as estruturas invisíveis, em especial a política e a cidadania. As pessoas conversam sobre as decisões da administração pública que envolvem o meio ambiente da cidade; sobre o sucateamento da Comcap (Companhia de Melhoramentos da Capital, responsável pela limpeza pública); a dificuldade de conseguir recursos para a manutenção do espaço e para a criação do centro cultural. Juntos, idealizaram um financiamento coletivo para arrecadação de verba para ser usada nas propostas culturais e conversam sobre como viabilizar os sonhos do grupo. Um dos participantes costuma usar um dado (não comprovado) de que uma horta comunitária tem um ‘tempo de vida’ de cerca de dois anos, até que seus cuidadores se desengajem. Quando ele cita isso é para ratificar seu compromisso com aquele espaço e seu sonho de que a horta torne-se uma agrofloresta.

Ainda sobre as estruturas invisíveis, a instalação da horta colocou em questão o uso do estacionamento naquele local. Mesmo que ele não tenha sido desativado, o lugar deixou de pertencer exclusivamente aos carros e isso quer dizer que deixou de pertencer a um único estilo de habitar a cidade.

O cuidado com a terra está devolvendo a biomassa para aquele solo, está retendo umidade, aumentando a diversidade daquele local e o frescor. Os efeitos são sentidos até mesmo dentro das edificações que receberam sombreamento, permitindo a diminuição do uso de ar condicionado.

E nessa relação pessoa-ambiente, as pessoas também estão sendo cuidadas. Para os trabalhadores da saúde, residentes e estagiários, a horta parece ser um espaço de restauração do seu bem-estar, em sintonia com os pressupostos da psicologia ambiental. Incluo-me nessa experiência, visto que também sou uma profissional da saúde. Meus períodos de observação estavam no meio da minha jornada de trabalho. Em vários momentos, cheguei no grupo cansada e preocupada, porém, sempre me despedi com mais energia e vitalidade do que no início do encontro.

Para os usuários, há também o exercício de sua autonomia no cuidado com a própria saúde, pois passaram a se envolver na busca dos insumos para seus chás e na investigação dos efeitos medicinais das ervas. Ambos podem ampliar sua perspectiva de saúde para além do seu próprio organismo e incluir o grande organismo Terra, mediante uma preocupação ambiental que envolve o cuidado com as nascentes, com o esgoto, com a destinação dos resíduos, em consonância com os princípios da Permacultura.

Trata-se de uma experiência que abre novos campos de possibilidades. São nessas pequenas células de resistência onde vão se criando outras mentalidades e outras formas de habitar na cidade.

Aos olhos da pesquisadora, talvez uma das maiores contribuições da horta neste momento esteja na formação dos residentes e estagiários, por meio de seu potencial de multiplicação dos conceitos que envolvem a saúde comunitária, e a saúde planetária, com práticas ecológicas. Eles podem se tornar “propagadores de

sementes”, que podem fazer com que essas ideias e práticas cheguem em outros locais de trabalho e em suas salas de aula.

A observação e expectativa da pesquisadora não são aleatórias, visto que corrobora com as feitas no relatório da saúde planetária que dá aos profissionais de saúde uma missão. De acordo com Whitmee et al. (2015), os profissionais de saúde podem ter um influente papel na conscientização ambiental, pois podem usar suas vozes individual e coletivamente para a defesa de temas como os que envolvem a saúde planetária. Possuem um papel de influência que os permite mobilizar uma ampla comunidade de atores. É importante que estejam bem informados sobre os perigos das mudanças climáticas e potencial de co-benefícios para a saúde humana que decorre das políticas de mitigação da crise.

No desenvolvimento dessa pesquisa, vi minha ação sendo organizada a partir do princípio “*observe e interaja*”. Os demais participantes do grupo terapêutico da horta também parecem comprometidos com isso, visto que não há um roteiro de tarefas, mas a própria natureza faz os convites às interações. Se há quiabos a serem colhidos, colhem-se os quiabos. Se há flores nos manjericões, podam-se as flores, num ritmo próprio, a partir da observação sensível.

Figura 08: Colheita de quiabos e manejo da horta



Fonte: acervo pessoal

Conforme as pessoas perambulam pela horta, vão sendo envolvidas e mobilizadas a ações que produzem o manejo adequado. A horta faz emergir as demandas sobre si própria e o grupo responde a isso. Tem uma fenomenologia da natureza que engaja aqueles que conseguem olhar para o ambiente e senti-lo. Conforme Cavalcante, Mourão e Günther (2018), perambular permite um tipo de contato que vai se tornando mais íntimo a cada experiência, possibilitando que a pessoa se aproprie e reaproprie do espaço e tenha uma vivência afetiva com eles. Perambular rompe com a lógica da pressa, constituindo-se em uma atitude de resistência nas sociedades que valorizam cada vez mais a urgência e o rendimento. (Le Breton, 2011, apud Cavalcante, Mourão e Günther, 2018).

No que se refere à *captação e armazenagem de energia*, como dito anteriormente, a horta é um repositório de matéria orgânica, de umidade e de biomassa naquele solo. Por uma decisão política, não há composteira no local – os insumos são trazidos pela Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente) ou Comcap. De acordo com Nór et al. (2019), o incentivo à produção de energia em pequena escala pode diminuir a dependência em relação a fontes de produção industrial de energia, acarretando na diminuição da demanda sobre as redes públicas de abastecimento. Contudo, apesar disso, as podas permanecem no espaço e ao se decomporem promovem uma ciclagem de nutrientes.

Além da captação e armazenagem de energia, foi preciso pensar em formas e estratégias bioclimáticas, pois a incidência de luz solar diretamente nas janelas dos consultórios exigia o consumo de energia elétrica para resfriamento. Construiu-se então um sombreamento com vegetação de crescimento rápido (feijão guandú), que vem auxiliando na diminuição da temperatura interna da edificação.

Para viabilizar as atividades e a construção do centro cultural, o grupo organizou um financiamento coletivo para *obter rendimentos*. A ideia é que as atividades artísticas que acontecem ali, através dos estagiários de teatro, possam se firmar no espaço e se ampliar. No entanto, os maiores rendimentos não acontecem por critérios monetários, mas são relacionais, nutricionais, afetivos e culturais. Parece haver no grupo um consenso do papel da arte na produção de saúde, que

corroborar com o que Nego Bispo disse: "A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada" (Bispo, 2023, p. 11).

O grupo terapêutico da horta organiza-se a partir de princípios de *autorregulação e retornos*, acolhendo as pequenas escalas e porções de produção. Há uma regulação natural nas relações e no cultivo da horta, em que cada um recebe e oferece o que é possível. Isso faz com que não ocorra desperdício – de energia ou biomassa. A lógica na monocultura não cabe ali. Há quiabos, manjeriço, batatas-doces e mais coisas, todas juntas. Com as plantas medicinais, a intenção é o convite para que o participante experimente novos chás. Há um incentivo à diversidade e à criatividade da natureza.

O uso e *valorização dos serviços renováveis* é facilmente percebido, pois muitos dos recursos empregados na horta são provenientes de reuso. Há um sistema de irrigação e de gotejamento das plantas feito com garrafas PET recicladas. Elas também são utilizadas como viveiro de mudas. Toda a biomassa permanece no sistema e os bancos-caixotes também são reciclados. Não existe utilização de insumos agrícolas sintéticos.

Figura 09: Viveiro de mudas produzido com materiais reutilizados



Fonte: acervo do grupo

Durante o tempo em campo, não foi possível saber como surgiu a proposta de *design* da horta, mas observa-se que o planejamento levou em consideração a abordagem dos *padrões para os detalhes*. A horta é convencional em termos de canteiros. Há um grande canteiro retangular principal e alguns outros redondos. Ela foi se singularizando quando foi se espalhando pelo território e a partir dos consórcios de plantas foram criando comunidades nesses canteiros.

Figura 10: Canteiros da horta



Fonte: acervo pessoal

A *integração ao invés da segregação*, bem como o uso e valorização da diversidade, são os fatores aglutinantes do grupo. Além da diversidade de plantas, há diversidade também entre as pessoas, que são de gêneros, raças, classes, níveis de escolaridade e idades diferentes. Como citado anteriormente, a horizontalização das relações promove o acolhimento e ajuda a dar continuidade e tranquilidade ao grupo.

As *soluções são pequenas e lentas*. Alguns sonham com o palco do centro cultural, outros com a transformação da horta em agrofloresta. São coisas que levam tempo, mas o grupo parece disposto, paciente e determinado em vê-las acontecendo de forma participativa.

A Permacultura, que popularmente vista como uma forma "descolada" de jardinagem orgânica, poderia ser melhor descrita como um sistema de projeto para uma vida resiliente e para o uso da terra com base na ética universal e nos princípios do projeto ecológico. A aplicação da ética e dos princípios da permacultura em nossos jardins e casas nos leva inevitavelmente a redesenhar nossos modos de vida para que estejamos mais em sintonia com os excedentes e limites locais. (Holmgren, 2018).

Neste mundo em emergência climática decorrentes da ação humana, o exemplo da horta e do seu grupo terapêutico, relatados aqui, geram uma esperança de que existem outras formas de relação entre pessoas e ambientes, e que ações regenerativas também podem acontecer no ambiente urbano. Uma das potências deste campo é a demonstração da viabilidade de outras epistemologias de ciência e de promoção da saúde, que levam em consideração a integralidade da vida e a interconexão entre a pessoa e a terra. São *respostas criativas* para um mundo em intensa mudança, e, como aponta Nór (2019), com o potencial de contribuir para uma experiência de mundo capaz de dissolver a alienação contemporânea do habitante da cidade em relação à natureza.

Permacultura, Psicologia Ambiental e Saúde Planetária têm em comum a natureza interdisciplinar, a compreensão da interdependência da humanidade com os demais seres e sistemas naturais, e o objetivo compartilhado de rever os caminhos tomados pela humanidade na forma como vieram tratando a Terra. Suas éticas, princípios e técnicas podem se complementar e fortalecer na construção de estudos e planos de ação que previnam, mitiguem, preparem, respondam e apoiem a recuperação da crise ambiental antropogênica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu as mudanças ambientais e sociais intensas e críticas que são decorrentes do período conhecido como Antropoceno e também investigou e apresentou uma alternativa ao modelo de relação predatória que a humanidade vem estabelecendo com a Terra.

Nossos objetivos foram conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem no espaço da horta do Centro de Saúde do Itacorubi, à luz da Psicologia Ambiental e da Permacultura, analisar as possíveis relações que emergem nas atividades da horta, com base nos ensinamentos da Permacultura e da Psicologia Ambiental; identificar as potencialidades do projeto das hortas nos Centros de Saúde; e identificar propostas de investigação para pesquisas futuras.

Consideramos que os objetivos propostos foram atendidos e que foi possível conhecer as formas de sociabilidade e atividades que acontecem no espaço da horta do Centro de Saúde do Itacorubi, à luz da Psicologia Ambiental e da Permacultura, analisar as possíveis relações que emergem nas atividades da horta, com base nos ensinamentos da Permacultura e da Psicologia Ambiental.

Como potencialidades identificamos a capacidade regenerativa da horta em melhorar aquele microssistema, bem como o potencial de promoção de saúde e bem-estar aos participantes do grupo terapêutico. Usuários do serviço e profissionais parecem beneficiados. Também observamos um grande potencial de educação ambiental, com destaque para os benefícios à formação dos profissionais de saúde residentes e estagiários do serviço, que podem se tornar multiplicadores de ações semelhantes em outros espaços.

Propomos que outras investigações sejam feitas no campo com o intuito de descrever os efeitos de bem estar percebidos pelos usuários do Centro de Saúde através de sua participação no projeto da horta; investigar as percepções de aprendizado ambiental na formação dos profissionais de saúde e promover pesquisa-ação participativa para fortalecer o grupo.

Apesar da horta não ter sido desenhada a partir dos princípios do zoneamento permacultural, percebe-se que conhecimentos englobados nesse conjunto de saberes nomeado Permacultura fazem parte do cotidiano do espaço. Na nossa percepção, a horta é o aglutinante que reúne as pessoas e, muitas vezes, pode ser entendida como outro sujeito do grupo. A mútua influência de pessoas e ambiente, estudada pela Psicologia Ambiental, é percebida de um jeito orgânico e cheio de vitalidade. E nesse modo contra hegemônico de ocupar a cidade e, especialmente, um Centro de Saúde, a horta passa a promover saúde e cuidado planetário.

Como pesquisadora, foi muito gratificante poder conhecer a horta e as pessoas envolvidas no grupo. A experiência me possibilitou convergir diversas temáticas de interesses que venho estudando e pesquisando ao longo dos anos. Lamento que a limitação de tempo não tenha permitido uma imersão mais profunda no campo, no entanto, a experiência possível já foi bastante reveladora.

Como profissional de saúde, pude experimentar os efeitos restaurativos e de bem-estar dos espaços verdes e de estar em comunidade. Imagino que os demais profissionais e participantes da horta também possam senti-los e fico curiosa para que outras pesquisas investiguem isso.

A crise climática é também uma crise social, econômica, política e de imaginação. A desesperança muitas vezes nos impede de enxergar alternativas ao modelo atual. É crucial lembrar que a mudança começa com pequenas ações comunitárias e individuais, que eventualmente provocam mudanças governamentais e institucionais. Não sabemos como será o futuro, mas todas as pessoas que percebem e sentem a interdependência humano-ambiental continuam em movimento para cuidar da terra, de todos os seres e das condições dignas para que todas as vidas sejam possíveis.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M.; FLOSS, M.; TARGA, L. V.; WYNN-JONES, J.; CHARTER, A. B. (2018). **It is time for rural training in family medicine in Brazil!** *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 13(40), 1-4. [http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc13\(40\)1696](http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc13(40)1696)

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **Mudanças Climáticas e Deslocamentos**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/temas-especificos/mudancas-climaticas/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BEZ, Anselmo et al. Controle de Enchentes na Bacia do Itacorubi (Florianópolis, SC). In: XIII **Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos**, 1999, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: ABRH, 1999. Disponível em: <https://files.abrhidro.org.br/Eventos/Trabalhos/149/ABRH301.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (org.). **Brasil Sorridente**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/brasil-sorridente/aps>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (org.). **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. 2024. Disponível em: https://cnes2.datasus.gov.br/Exibe_Ficha_Estabelecimento.asp?VCo_Unidade=4205402692546. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a **Política Nacional de Atenção Básica**, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 16 jun. 2024.

BUBER Martin. **Eu e Tu**. 10 ed. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006. 152 p.

CHOWKASE, Aakash A. **Social and emotional learning for the greater good: Expanding the circle of human concern**. Social and Emotional Learning: Research, Practice, and Policy, v. 1, p. 100003, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Catálogo de práticas em psicologia ambiental** [recurso eletrônico]/Conselho Federal de Psicologia. 1. ed. Brasília: CFP, 2022.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. **The 'Anthropocene'**. *Global Change Newsletter*, v. 41, p. 17–18, 2000.

DIETZ, Thomas; WHITLEY, Cameron T. **Environmentalism, norms, and identity**. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 49, p. 12334-12336, 2018.

DINIZ, Raquel Farias. **Permacultura como um estilo de vida sustentável: o olhar da psicologia ambiental**. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 13, n. 2, p. 106-118, 2016.

DRYZEK, John S.; NORGAARD, Richard B.; SCHLOSBERG, David (eds). **The Oxford Handbook of Climate Change and Society**. 2011; online edn, Oxford Academic, 6 Jan. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199566600.001.0001>. Acesso em: abril de 2024.

FLOSS, M.; PORTO, B. L.; DALL'AGNOL, A. F.; COSTA, M. M. G.; SUSISN, L. R. O. (2013). **A humanização através do programa Recrutadas da Alegria da FURG: um relato de experiência**. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(3), 464–470. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022013000300020>

GARDINER, Stephen M. **A perfect moral storm: Climate change, intergenerational ethics and the problem of moral corruption**. *Environmental Values*, v. 15, n. 3, p. 397-413, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOLMGREN, David. **Essence of Permaculture: Revised Edition**. Hepburn: Melliodora Publishing, 2020.

HOLMGREN, David. **Future Scenarios – Mapping the Cultural Implications of Peak Oil and Climate Change**. [S. l.], 2008. Disponível em: <https://www.futurescenarios.org/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

HOLMGREN, David. **RetroSuburbia: The Downshifter's Guide to a Resilient Future**. Hepburn: Melliodora Publishing, 2018.

JAMIESON, Dale. **Climate change, responsibility, and justice**. *Science and Engineering Ethics*, v. 16, p. 431-445, 2010.

LIMA, Cinthia Vieira Brum; FECCHI, Pollyanna Garcia Geraldo; CASTRO, Viviani Domingos. **Turma, vamos fazer uma roda?** Trabalhando no princípio da livre expressão no ensino fundamental. *Cadernos CEDES*, v. 42, p. 143-153, 2022.

LLOYD, Samuel; GIFFORD, Robert. **Qualitative Research and the Future of Environmental Psychology**. *Journal of Environmental Psychology*, p. 102347, 2024.

KAZDIN, Alan E. **Psychological science's contributions to a sustainable environment: Extending our reach to a grand challenge of society**. *American Psychologist*, v. 64, n. 5, p. 339, 2009.

MATTOS, Melissa Laus. **Arquitetura institucional em concreto aparente e suas repercussões no espaço urbano de Florianópolis entre 1970 e 1985**. 237 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PGAU0036-D.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MOLLISON, Bill. **Permaculture: a designer's manual**. Tyalgum, Australia: Tagari Publications, 1988.

MOLLISON, Bill.; SLAY, Remi M. **Introdução à Permacultura**. Tradução de André Soares. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199851>. Acesso em: 16 jun. 2024.

NIELSEN, Kristian S. et al. **The case for impact-focused environmental psychology**. *Journal of Environmental Psychology*, v. 74, 2021.

NÓR, Soraya [et al.]. **Planejamento urbano permacultural** [recurso eletrônico]: um estudo sobre o pensamento sistêmico e harmônico da permacultura aplicado à cidade de Florianópolis. Dados eletrônicos. Florianópolis: PET/ARQ/UFSC, 2019. 86 p. Disponível em: https://issuu.com/albacamila/docs/caderno_final_16_abril. Acesso em: 16 jun. 2024.

PEARSON, Adam R.; TSAI, Corinne G.; CLAYTON, Susan. **Ethics, morality, and the psychology of climate justice**. *Current Opinion in Psychology*, v. 42, p. 36-42, 2021.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS (org.). **Cultiva Floripa. 2024**. Disponível em: <https://cultivafloripa.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade?** 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SILVA, Raquel Carvalho da. **Vulnerabilidade socioambiental a desastres na bacia hidrográfica do Rio Itacorubi, Florianópolis, SC**. 162 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de

Pós-graduação em Engenharia Civil, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PECV0754-D.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

STEFFEN, Will et al. **The Anthropocene: conceptual and historical perspectives**. *Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, v. 369, n. 1938, p. 842-867, 2011.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Para o meu coração num domingo**. Tradução e prefácio de Regina Przybycien e Gabriel Borowski. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

UN-HABITAT. **Relatório Mundial das Cidades 2022**. Disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2022/06/wcr_2022.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

WEISSBECKER, Inka (Ed.). **Climate change and human well-being: Global challenges and opportunities**. Springer Science & Business Media, 2011.

WHITMEE, Sarah et al. Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of **The Rockefeller Foundation–Lancet Commission on planetary health**. *The Lancet*, v. 386, n. 10007, p. 1973-2028, 2015.

ZALASIEWICZ, Jan et al. **The Anthropocene within the Geological Time Scale: a response to fundamental questions**. *Episodes Journal of International Geoscience*, v. 47, n. 1, p. 65-83, 2024.